A atualidade do cartel na Associação Fóruns do Campo Lacaniano[1]

Clarice Gatto

Nas "Jornadas sobre os Cartéis" em abril de 1975, no âmbito da *École Freudienne de Paris*, Lacan conclui haver confessado "o que há detrás desta espécie de proposição duvidosa que representa o cartel".[2]

Proposição duvidosa, talvez porque não pára de escrever as condições de incertezas, que ainda hoje nos leva a refletir sobre a estrutura, a função e o funcionamento do cartel no âmbito de uma Comunidade analítica, como a nossa, rumo a uma Escola de Psicanálise.

Em 1964, na famosa Ata de Fundação da EFP, ele escreve:

"Aqueles que vierem a esta Escola se comprometerão em realizar uma tarefa submetida a um controle interno e externo. Será a eles assegurado, em contrapartida, que nada se poupará para que tudo o que façam de valioso tenha a repercussão que merecer no lugar que lhe convenha. Para a execução desse trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração baseada num pequeno grupo; cada um deles (e temos um nome para designar esses grupos) será composto por três pessoas, no mínimo, e por cinco, no máximo - quatro é a medida certa. Mais Uma (*Plus Une*), encarregada da seleção, da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um. Após um certo tempo de funcionamento, se proporá aos elementos de um grupo sua permutação para outro. O cargo de direção não constituirá um caciquismo cujo serviço prestado se capitalizaria pelo acesso a um grau superior, e ninguém deverá sentir-se rebaixado por entrar em nível de um trabalho de base".[3]

Em 1980, em D' Écolage, Lacan, após a dissolução de sua Escola, funda a "Causa Freudiana" como Campo - onde cada um terá liberdade de demonstrar o que faz com o saber que a experiência decanta. Nessa nova empreitada ele retoma o cartel, como órgão de base de sua Escola, para aprimorar sua formalização e propor novamente, agora de modo diferente:

"Primeiro - quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que deve ter seu produto. Preciso: um produto próprio de cada um e não coletivo.

Segundo - A conjunção dos quatro se faz ao redor de um Mais-Um (*Plus-Un*) que, se é qualquer um, deve ser alguém. Será encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração.

Terceiro - Para prevenir o efeito "*de colle*", deve-se realizar a permutação no prazo estabelecido de um ano, no máximo dois.

Quarto - Não se espera outro progresso senão o de uma periódica exposição dos resultados, assim como das crises do trabalho.

---

[1] Gostaria de agradecer a Sonia Alberti pela leitura prévia desse trabalho e suas valiosas contribuições. Agradeço também a Olympio Xavier pela sugestão do título desse trabalho.

[2] Lacan, Jacques, "Jornadas sobre Cartéis" (1975), *Letra Freudiana*. Número 0. Rio de Janeiro, 1987.

[3] Lacan, Jacques, "Ata de Fundação da E.F.P.", *Letra Freudiana*, *op.cit.*.

Quinto - O sorteio assegurará a renovação regular dos limites demarcados com o fim de vetorizar o conjunto".[4]

O que muda entre a primeira e a segunda proposição de Lacan sobre esse pequeno grupo nomeado cartel?

Muda muita coisa! Nessas mudanças encontramos material suficiente para nos evocar de novo, provocando-nos novas reflexões. Afinal, o novo não está "no acontecimento de seu retorno",[5] como nos lembra Michel Foucault?

Se na primeira proposição, a composição do cartel vacila entre três ou quatro pessoas Mais Uma, no máximo cinco, na segunda, a composição passa a ser de quatro Mais-Um, "podendo ser até seis"[6]. Se na primeira se trata de Mais Uma pessoa, na segunda, trata-se de Mais-Um, que se é qualquer um, deve ser alguém. Se na primeira o tempo de trabalho é aberto, na segunda esse tempo implica uma duração estabelecida entre um ano, no máximo dois. Se na primeira o princípio era o da escolha também para reagrupar-se em novos cartéis, na segunda é o sorteio o critério para a permutação com o fim de vetorizar o conjunto.

Porém, desde "As Jornadas de 1975", Lacan desejava que a entrada em sua Escola fosse não a título individual, mas a título de um cartel. "Seria evidentemente esperável ver realizar-se daqui por diante – e é, o repito –, não pode doravante ser definido como sendo uma condição, mas seria esperável... "

Se não pode ser uma condição *sine qua non* de entrada, era esperado por Lacan, daí o caráter de proposição desse pequeno grupo nomeado cartel. Pequeno grupo porque se distingue do agrupamento nas instituições psicanalíticas, como escreve John Rickman em "Reflexões sobre a função e a organização de uma sociedade psicanalítica", 1951[7]. Lacan bebeu dessas águas, sabemos disso, para recolher o que interessava à transmissão da Psicanálise: estabelecer distinções para refletirmos sobre nossos funcionamentos. Para Rickman, "o grupo se estrutura entre três e cinco" - numa divertida alusão à estrutura do complexo de Édipo, aproximando, como Lacan, "os princípios da psicanálise aos próprios meios de apreendê-la"[8]. Além de cinco, brinca, começa a *multibody psychology*!

À pergunta "o que pode ser a função do chefe em um grupo científico de troca de idéias?", Rickman responde que no grupo psicanalítico - diversamente dos grupos organizados da Igreja e do Exército tal qual define Freud - a palavra é o mestre "condutor". As modalidades de funcionamento dessa palavra exercem a produção de um "trabalho de pensamento". Utilizando-se da expressão "a tradição oral da psicanálise" ele – comenta Jacqueline Poulain-Colombier – demarcava que "aquele que fala faz uma parte de seu 'trabalho de pensamento' enquanto fala. Ele avança em

---

[4] Lacan, Jacques, "D'écolage", *Letra Freudiana*, *op.cit*.

[5] Foucault, Michel, *L' ordre du discours*, Gallimard, 1971.

[6] Conferir as reflexões de Lacan sobre a composição do cartel e as aproximações que faz com o nó borromeano durante as "Jornadas sobre Cartéis" (1975), *Letra Freudiana*, *op.cit*.

[7] Rickman, John, "Reflexões sobre a função e a organização de uma sociedade psicanalítica" [in *Selected Contributions to Psycho-Analysis*, Londres, Hogarth Press, 1957], citado por Jaqueline Poulain-Colombier, "Dé-supposer le savoir", *Littoral*. Número 15/16, Paris, Eres, 1985.

[8] Quinet, Antonio, "Prefácio", *O cartel. Conceito e funcionamento na Escola de Lacan*, São Paulo, Campus, 1995.

seu pensamento ao falar, endereçando-se ao público que ali está. A palavra, quando ela avança com o pensamento, toma em seu movimento aquele que escuta e é ativa no laço que ela estabelece com ele. Aquele que está sobre o tablado não tem mais poder sobre essa empreitada e sobre esse trabalho da palavra do que aquele que escuta, e a validade de um argumento só poderia ser apoiada sobre uma posição estatutária, de um lado como do outro dessa linha fictícia que é a tribuna"[9].

Essa "tradição oral da psicanálise", como nos demonstra o ensino de Lacan, convoca o sujeito "a pensar" em sua cisão, seja através das modalidades de trabalho que inscrevem o objeto - *a petit* - da Psicanálise, seja relançando-o na incompletude evocada pelo "recalcamento originário" (*Urverdrängung*).

Nessa perspectiva, Lacan inventa e nos propõe essa possibilidade de encontro genial onde cada um, desde que queira, possa "se expor" compartilhadamente com outros – a partir de problemas que lhe suscita a vivência da experiência psicanalítica inaugurada por Freud. Se o cartel é um pequeno grupo para estudar, ele porém o é especialmente *a posteriori* quando seu produto - um escrito, por exemplo - sustenta a Psicanálise a partir de elaborações próprias endereçadas a um controle interno e externo através das vias de publicações (Jornadas, Boletins, Revistas, Congressos, etc.). Se Lacan insiste em formalizar o cartel, contudo ele não impõe funcionamentos, ele propõe. Suas reflexões perante os parceiros de *camp*[10], conforme costumava dizer, assinalam a marca, sempre provisória, dos embaraços presentes nos encontros humanos.

A atualidade dos cartéis em nossa Associação Fóruns do Campo Lacaniano

A atualidade dos cartéis em nosso agrupamento, com certeza, é passar por essa experiência que nos incita Lacan. E, no decorrer, trabalharmos sobre ela, para posteriormente testemunharmos sobre isso que foi feito e do jeito que foi feito, e assim demonstrarmos o "saber que a experiência decanta".

O cartel é um lugar de encontro, de elaborações compartilhadas ainda que solitárias, de surpresas sobre o que ainda nos intriga na experiência psicanalítica. Se é um lugar de elaborações compartilhadas, é também um lugar por onde a libido faz sua entrada! Será essa a razão de tantos fracassos nos cartéis? Será por isso que Lacan se preocupou em dizer grudem-se, trabalhem, e depois desgrudem-se?

Convidamos, então, aqueles que a Psicanálise intriga para que nos enviem suas propostas de trabalho em cartéis e/ou suas elaborações individuais. A Associação Fóruns do Campo Lacaniano se compromete em criar uma periódica exposição desses resultados. Uma das formas é nossa Rede de Fóruns; as demais, em breve serão divulgadas através da "equipe de cartéis".

---

[9] Poulain-Colombier, Jaqueline, *op.cit*.

[10] Lacan, Jacques, *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*, aula de 6 de janeiro de 1965, *mimeo*.